

**XVII ENCONTROS
DE CINEMA**
VIANA 02 A 07 MAIO 2017

6.ª CONFERÊNCIA
INTERNACIONAL
DE CINEMA DE VIANA

PROGRAMA



**XVII ENCONTROS
DE CINEMA**
VIANA 02 A 07 MAIO 2017

6.^a CONFERÊNCIA
INTERNACIONAL
DE CINEMA DE VIANA

PROGRAMA

04 de maio . Escola Superior de Educação

09h00 / 10h00

Recepção aos participantes

10h00 / 10h25

Anfiteatro

Abertura

10h30

CINEMA E ESCOLA

Anfiteatro

10h30_Sessão 1

14h30_Sessão 2

17h30_Sessão 3

CINEMA: ARTE, CIÊNCIA E CULTURA

Sala 7

10h30_Sessão 1

14h30_Sessão 2

17h30_Sessão 3

05 de maio . Escola Superior de Educação

09h30 / 12h30

MESA-REDONDA

CINEMA E EDUCAÇÃO

Anfiteatro

14h00

PAINEL TEMÁTICO: O DOCUMENTÁRIO COMO CONSTRUÇÃO MNÉSICA

Anfiteatro

CINEMA: ARTE, CIÊNCIA E CULTURA

Sala 7

14h00_Sessão 4

PROGRAMA

04 de Maio

Escola Superior de Educação de Viana do Castelo

Temática

Cinema e escola

Nesta temática abordaremos duas questões que se nos afiguram complementares: a representação da escola no cinema e as práticas de cinema na escola. Na primeira apelamos a reflexão sobre como o cinema representa a escola, os professores, os alunos, as hierarquias, processos de ensino de formas muito diversificadas. Pretendemos trazer para a discussão o modo como a escola é representada no cinema. A escola e seus atores. A escola como um lugar de conflito, de poder, de resistência, de conhecimento. A escola como um lugar de construção e negociação de identidades. Como um lugar de produção de (des)igualdades sociais, culturais. Uma instituição de transição da vida familiar para o mundo. Na segunda pretende-se refletir sobre as múltiplas práticas de cinema desenvolvidas na escola – o visionamento e análise de filmes, os clubes de cinema, a utilização das tecnologias na produção de documentos audiovisuais, a escrita dos filmes ou acerca dos filmes. O cinema em todos os seus estados entra na escola e transforma-a. Pretendemos debater e partilhar as práticas de cinema desenvolvidas na escola do jardim-de-infância à universidade, da prática lúdica à observação científica, da observação à criação de imaginários. Cinema enquanto instrumento e objeto de conhecimento, meio de comunicação e meio de expressão de pensamentos, arte e sentimentos?

Anfiteatro . 10h30_Sessão 1

Mesa: Luiza Pereira Monteiro, Manuela Benvinda Vieira Gomes Cachadinha

Título

DIA DE PRINCESA – A FALTA DE REPRESENTATIVIDADE NEGRA NA PRODUÇÃO AUDIOVISUAL INFANTO-JUVENIL E O IMPACTO DE “A PRINCESA E O SAPO” (2009) E “MOANA – UM MAR DE AVENTURAS” (2016) NO BRASIL

Autoria

BEATRIZ LIMA SANTOS

beatrizlimasantos@yahoo.com.br

Universidade Federal Fluminense

Nota biográfica

Beatriz Lima Santos é graduanda em Cinema e Audiovisual na Universidade Federal Fluminense (UFF, Niterói, RJ - Brasil). Entre os anos de 2014 e 2015, foi bolsista PIBIC orientada pelo professor doutor Rafael de Luna Freire na pesquisa intitulada “A conversão para o cinema sonoro no Rio de Janeiro: pesquisa sobre o mercado exibidor”. Em 2016, a aluna apresentou o artigo “Linguagem Cinematográfica e Questões Sociais nos documentários animados ‘Yellow Fever’ (Quênia) e ‘Pondering’ (Burkina Faso)” na Semana Universitária do Audiovisual (SUA) Regional. Atualmente, encaminha sua pesquisa de monografia sobre “Representação Negra na Produção Audiovisual Brasileira para o Público Infanto-Juvenil”.

Palavras-chave

Audiovisual, Público Infanto-Juvenil, Representação Negra, Brasil

Resumo

A produção audiovisual brasileira voltada para o público infanto-juvenil é historicamente escassa. Houve momentos para algumas gerações, como quem assistiu aos filmes d’Os Trapalhões ou acompanhou a Xuxa nos cinemas. No entanto, é interessante observar que justamente esses artistas tinham ligação direta com a televisão. Com exceção dos longa-metragem derivados de produções televisivas, os filmes nacionais para crianças e adolescentes são aleatórios

e independentes, desligados de uma rede ou de uma escola, não tendo mercado nem público próprio consolidado. Além disso, a programação brasileira na televisão começou a aumentar efetivamente apenas a partir de 2011, com o decreto da Lei nº 12.485, a famosa Lei da TV Paga. Assim, é possível afirmar que tradicionalmente o público infanto-juvenil do nosso país recebe e acompanha muito mais conteúdo audiovisual estrangeiro do que nacional. O que seria natural, visto que vivemos em um mundo integrado pela globalização. As fronteiras parecem cada vez mais próximas e o espaço físico é gradualmente expandido para o virtual, facilitando as comunicações e o trânsito de informações. Todavia, como podemos trocar experiências culturais entre nações sem reconhecer as nossas próprias tradições? A produção audiovisual irá representar a cultura e a sociedade do próprio país de origem, mesmo ao tratar de temas universais. Ao dominar um mercado estrangeiro, é gerada uma lacuna de representação e representatividade para os espectadores locais. Quando o público vem de uma tradição de miscigenação e mistura racial como o nosso, é ainda mais difícil apontar as suas características. Uma vez identificadas as especificidades das lacunas, o mercado produtor dominante busca apropriar-se de temas e conteúdos locais. Assim surgem personagens como a Tiana de A Princesa e o Sapo e a Moana. O impacto dessas primeiras princesas negras no Brasil é ainda maior do que o comum da Disney. As crianças que não se identificavam com nenhuma das princesas anteriores por não terem a pele clara, começam a ter esta oportunidade. Embora as personagens ainda sejam referenciadas em outras culturas diferentes da nossa, o público infantil brasileiro se apropria das produções. O tema da identidade é muito mais complexo e pessoal do que isto, porém o estudo sobre a representatividade negra neste cenário merece atenção, e é sobre essas questões que se debruça este artigo.

Título

MIGRAÇÕES DA ARTE E DA CULTURA – UMA EXPERIÊNCIA DE APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA

Autoria

MARIA CELESTE HENRIQUES DE CARVALHO DE ALMEIDA CANTANTE

celestecantante@gmail.com
Universidade Aberta – CEMRI

Nota biográfica

Doutora em Literatura, Especialidade em Literatura Norte-Americana investigadora do Grupo de Investigação: CEMRI - Media e Mediações Culturais, Universidade Aberta, professora de Inglês de quadro de agrupamento. Tem apresentado várias comunicações a nível nacional e no estrangeiro na área da Literatura e do Cinema.

Palavras-chave

Arte, migração, aprendizagem, utopia, espiritualidade, cidade

Resumo

Este trabalho pretende divulgar o projeto Ágora, uma experiência integrada num processo de aprendizagem ao longo da vida, resultante de um protocolo entre uma instituição de animação cultural local, CACAV - Círculo de Animação Cultural de Alhos Vedros e o Museu Berardo. A esta abordagem subjaz uma perspetiva de migração situada num conceito de trânsito, migração de expressões criativas que, em interações com os saberes individuais e grupais, resultam em obras genuínas, num contributo para a transformação individual e coletiva. O projeto, suportado em obras expostas no Museu Berardo e em autores de arte moderna e contemporânea, desenvolveu-se sobre a utopia na arte, a espiritualidade na arte e a cidade na arte, à luz da sociedade de consumo.

Título

O CINEMA NO ENSINO SUPERIOR – LINGUAGENS EM APROXIMAÇÃO

Autoria

ANABELA MOURA

moura_correia@sapo.pt
ESE-IPVC

CARLOS ALMEIDA

calmeida@ese.ipvc.pt
ESE-IPVC

GABRIELA BARBOSA

gabriela.mmb@ese.ipvc.pt
ESE-IPVC

Notas biográficas

Anabela Moura, Professora Adjunta na Escola Superior de Educação, na área de Artes, Design e Humanidades. Coordena a licenciatura de Gestão Artística e Cultural e o CTeSP de Artes e Tecnologia.

Carlos Almeida, Professor Adjunto na Escola Superior de Educação, na área de Artes, Design e Humanidades. Coordena os Mestrados de Gestão Artística e Educação Artística.

Palavras-chave

Cinema, Ensino Superior, Parcerias Culturais, Linguagens

Resumo

Esta comunicação pretende refletir sobre estratégias de aproximação do cinema ao Ensino Superior, o papel de parcerias interinstitucionais e o seu impacto na educação artística e cinematográfica dos estudantes de diversos cursos de licenciatura e mestrado, visando compreender as possibilidades educativas do ensino de diferentes linguagens e as suas repercussões nas dimensões socioculturais e na aproximação de públicos.

Título

UTILIZAÇÃO DE RECURSOS ON-LINE NO ESTUDO DO MEIO SOCIAL LOCAL E REGIONAL

Autoria

MANUELA BENVINDA VIEIRA GOMES CACHADINHA

mcachadinha@ese.ipvic.pt
ESE-IPVC

Nota biográfica

Manuela Cachadinha é Professora da Escola Superior de Educação de Viana do Castelo desde 1985; é Doutorada em Educação, na especialidade de Educação e Interculturalidade, e Mestre em Sociologia Aprofundada e Realidade Portuguesa; é Investigadora do CEMRI. Tem efetuado investigação e publicações na área da Sociologia, Educação, Cultura, Interculturalidade e Envelhecimento.

Palavras-chave

Educação, recursos educativos on-line, meio social, meio local, estudos sociais

Resumo

Na época atual, existe uma quantidade crescente de informação disponível on-line, na internet, sobre aspetos diversos do mundo e da sociedade. Sem pretender discutir a fiabilidade e credibilidade de todas estas informações, pensamos que muitos destes recursos disponíveis têm potencialidades pedagógicas relevantes e acessíveis à generalidade dos alunos. Com esta comunicação pretende-se relatar algumas experiências pedagógicas por nós efetuadas usando sobretudo recursos disponíveis on-line, no âmbito do Curso de Educação Básica da ESEVC, na unidade curricular de Estudos Sociais. Nesta unidade curricular os alunos adquirem noções básicas sobre o que são as Ciências Sociais e sobre os trabalhos de investigação efetuados por estas disciplinas, sobretudo no concernente ao conhecimento do meio social envolvente. Os alunos são convidados a conhecer o meio social local e regional e a realizar um trabalho de pesquisa sobre aspetos socioculturais do meio local. Num primeiro momento, é selecionada uma unidade territorial, uma freguesia, do meio envolvente. Seguidamente os alunos pesquisam na internet informações "fiáveis" sobre aspetos geográficos, históricos, sociológicos, económicos e antropológicos da freguesia selecionada. Estas informações pesquisadas podem adquirir diferentes formatos (filmes, vídeos e/ou outros). Posteriormente efetuam entrevistas a "observadores privilegiados" da freguesia escolhida e fazem também pesquisa em livros e revistas, em formato de papel, no sentido de completarem e/ou corrigirem as informações obtidas on-line. Estas tarefas têm como objetivo final a elaboração de sínteses monográficas que aprofundem os conhecimentos dos alunos sobre o contexto social local e regional. Os resultados das tarefas desenvolvidas consubstanciam-se num texto escrito e numa apresentação com recurso a meios audiovisuais. Globalmente, ao longo dos últimos dez anos, as referidas atividades de pesquisa e os resultados a que se tem chegado apresentam-se bastante positivos e motivadores, quer para os alunos envolvidos quer para a docente. O conhecimento sobre os aspetos sociais e culturais mais característicos do meio envolvente é atingido sem que os estudos fiquem restringidos aos meios mais tradicionais. Os alunos pertencem à denominada geração de "nativos digitais" e sentem-se especialmente motivados e disponíveis para usar os recursos educativos existentes on-line.

Título

PROJETOS EUROPEUS E INTERNACIONAIS DE EDUCAÇÃO AO CINEMA/LITERACIA FÍLMICA IMPLEMENTADOS EM PORTUGAL

Autoria

RAQUEL PACHECO

raquel.pacheco@gmail.com
Universidade Autónoma de Lisboa / CICS.NOVA

Nota biográfica

Raquel Pacheco é Professora na Universidade Autónoma de Lisboa, onde leciona no Departamento de Ciências da Comunicação, na área da Linguagem Audiovisual. É doutorada em Ciências da

Comunicação pela FCSH|UNL – Universidade Nova de Lisboa em regime de co-tutela com o IACS|UFF – Universidade Federal Fluminense com a tese “Cinema e Educação. Estudos de Caso no Brasil e em Portugal”, tendo sido bolsista da Fundação para a Ciência e Tecnologia. É mestre em Ciências da Comunicação, com especialização em Estudo dos Media e do Jornalismo, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e pela Universidade Federal Fluminense, instituição onde também se licenciou em Ciências da Comunicação, na variante de Cinema e Audiovisual. É também investigadora do CICS.Nova – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa e colaboradora da associação Os Filhos de Lumière. As suas principais áreas de investigação são a educação audiovisual, o cinema e educação, o estudo dos media e a literacia mediática (em particular a educação para os media). É autora do livro “Jovens Media e Estereótipos. Diário de Campo numa Escola dita Problemática” e de vários capítulos de livros e artigos científicos, alguns dos quais indexados. Atua desde 1996 como profissional e educadora na área do cinema e do audiovisual e é também diretora da Rede Media e Literacia.

Palavras-chave

Literacia fílmica, Literacia da imagem, Cinema e educação, Crianças e jovens

Resumo

Num tempo em que as imagens que nos são dadas do mundo tendem a confundir o nosso olhar, refletir sobre a imagem e o som não é uma atividade supérflua. André Bazin via o cinema como “uma janela aberta para o mundo”, o cinema dominante tem vindo a manifestar uma forte tendência para se transformar num videogame em grande ecrã enquanto o ecrã de televisão toma cada vez mais a forma de um buraco de fechadura, ou seja, o visual tende a ocupar o lugar da imagem. Por isso, acreditamos que faz todo sentido e torna-se mesmo fundamental o trabalho de desenvolvimento de uma literacia do cinema e da imagem para a construção de uma literacia mediática completa. Esta comunicação discute a literacia do cinema e da imagem através da análise de dois Projetos Europeus e um Projeto Internacional de cinema e educação realizados em contexto português: Moving Cinema - metodologias, estratégias e ferramentas para que crianças e jovens apreciem o cinema Europeu e tornem-se audiências ativas; CinEd - Programa Europeu de Educação para o Cinema, é uma cooperação europeia dedicada à educação cinematográfica; CCAJ – Cinema: cem anos de juventude, um programa internacional coordenado pela Cinemateca Francesa, onde participam atualmente 13 países, da Europa e do mundo. Utilizando metodologias qualitativas acompanhamos durante dois meses, do ano de 2016, o quotidiano dos três projetos desenvolvidos em Portugal. Nos baseamos na análise situacional da realidade dos e pelos diferentes atores envolvidos nos projetos. Analisamos relatórios de atividades, contratos, documentos, fanzines, livros, catálogos, folhas de sala, depoimentos etc., e, realizamos entrevistas com pessoas envolvidas nos projetos (crianças e jovens, coordenadores, formadores, professores). Esta comunicação mostra os resultados da investigação realizada buscando responder as questões relativas a literacia fílmica e as iniciativas de desenvolvimento de audiências, principais objetivos dos projetos analisados. Estes projetos proporcionam mecanismos para uma melhor cooperação entre as iniciativas de literacia fílmica na Europa? As estratégias para o desenvolvimento de audiências são inovadoras e participativas fazendo com que o público jovem tenha acesso aos filmes Europeus?

Anfiteatro . 14h30_Sessão 2

Mesa: Maria Elsa da Fonseca Cerqueira, Adriana Hoffmann Fernandes

Título

DOS LIVROS DE IMAGEM, AO CINEMA E AO YOUTUBE – PERCURSOS DE CONSUMO NA ATUALIDADE

Autoria

ADRIANA HOFFMANN FERNANDES

hoffadri58@gmail.com

UNIRIO

Nota biográfica

Professora adjunta na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) atuando na graduação e na Pós-graduação orientando alunos de Mestrado e Doutorado nas relações entre imagens e educação.

Palavras-chave

Formação, imagem, consumo

Resumo

O artigo busca propor um debate fazendo um percurso reflexivo a partir das questões trazidas por pesquisas realizadas pela autora nos últimos 15 anos. Para tal intento, a autora inicia suas reflexões pelas relações das crianças com as imagens em diferentes formatos ao longo dos últimos 10 anos fazendo uma breve retrospectiva das pesquisas realizadas em estudos anteriores e relaciona estas às questões percebidas na atualidade por novas pesquisas realizadas dentro do seu grupo de pesquisa CACE (Comunicação, Audiovisual, Cultura e Educação) no qual atua na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), como coordenadora. Procura trazer para o evento a reflexão sobre os modos de consumo associados a imagem tanto de crianças como também de outros públicos para pensar com os demais pesquisadores sobre

como o vínculo e conexão cada vez maior de nossas vidas com as imagens, cada vez mais audiovisuais, traz inúmeras questões para pensar nossas sensibilidades, nossos cotidianos, nossas escolas trazendo desafios para nossa formação e para o modo como formamos os sujeitos nos espaços educativos. Como as imagens e a educação se relacionam nesse contexto? Que questões mais nos desafiam na atualidade? Tais desafios não são algo relativo somente ao contexto brasileiro mas ao contexto mundial de consumo e relação com a imagem e afeta a todos os sujeitos e profissionais preocupados com a formação dos sujeitos sejam eles crianças, jovens ou professores.

Título

CINEMA NA ESCOLA OU ESCOLA NO CINEMA?

Autoria

MARIA ELSA DA FONSECA CERQUEIRA

elsacerqueira@gmail.com

Escola Secundária/3 de Amarante

Nota biográfica

Licenciada em Filosofia pela FLUP, tem colaborado na qualidade de investigadora com o Instituto de Filosofia desta Faculdade. Mestre em Filosofia da Educação e Pós-graduada em Filosofia Moderna e Contemporânea. Oradora em vários Congressos sobre Filosofia, Literatura e Cinema e Festivais de Cinema. É professora de Filosofia, fundadora do Clube de Cinema e Coordenadora do Plano Nacional de Cinema na Escola Secundária/3 de Amarante e, ainda, vice-Presidente do Cineclube de Amarante. Integrou, como membro do júri o Fafe Film Fest, edições 2014, 2015 e 2017 e o júri Cineclubes, Prémio "Primeiro Olhar", XVI Encontros de Cinema de Viana do Castelo, 2016. O seu último artigo publicado tem como título "O Cinema como memória da (Des)Humanidade: Las Hurdes, Luis Buñuel, 1933", Revista Plano Aproximado, Edições Labirinto, n.º 1, 2017.

Palavras-chave

Escola, Cinema, Educação, PNC, Sensibilidade, Pensamento, Imaginação

Resumo

A presente comunicação surge da reflexão minuciosa sobre as finalidades, as estratégias e práticas pedagógicas implementadas no âmbito do projecto "Plano Nacional de Cinema" que coordeno, na Escola Secundária/3 de Amarante, desde o ano lectivo de 2014-2015. Todavia, a educação do olhar remonta ao Clube de Cinema, fundado por mim nesta instituição educativa, em 2012-13, com a finalidade de desenvolver, dialecticamente e de forma cúmplice, o pensamento autónomo com o Cinema. Ao invés do Cinema na Escola prefiro a Escola no Cinema. E a educação do olhar, como requisito da ampliação do sentir, do pensar e do imaginar, é a premissa que subjaz a uma educação integral, de cariz essencialmente prático, e conduz a desafios, inquietações e obstáculos que exigem ser criticamente examinados.

Título

VER E APRENDER – O FILME NA SALA DE AULA

Autoria

ADELINA MARIA PEREIRA DA SILVA

ampsilva@cemri.uab.pt

Universidade Aberta – CEMRI

Nota biográfica

Possui doutoramento em Antropologia, especialidade de Antropologia Visual (Universidade Aberta), mestrado em Relações Interculturais (Universidade Aberta) e licenciatura em Secretariado e Gestão (ISCAP). Professora do quadro do Ensino Secundário da área de Educação Tecnológica. Investigadora do CEMRI – Media e Mediações Culturais (Universidade Aberta) de temas relacionados com as tecnologias da informação e comunicação, particularmente das sociabilidades on e off-line, comunidades reais/virtuais, e-/b-learning, comunidades de prática e inteligência coletiva. Foi tutora da disciplina de Antropologia Geral (Universidade Aberta).

Palavras-chave

Cinema, tecnologia, filme educativo

Resumo

A introdução de um meio audiovisual no domínio do consumo público origina, invariavelmente, reflexões sobre seu potencial uso educativo. Nas últimas décadas, foi o advento de aplicações digitais inovadoras que provocou esse pensamento. Contudo, já anteriormente, os meios de comunicação analógicos, como imagens fotográficas imóveis e em movimento, prometiam uma mudança do paradigma educacional. Por um lado, defende-se que as tecnologias podem, de algum modo, revolucionar a prática educacional atual. Considera-se que os meios de comunicação têm o potencial de mudar radicalmente as metodologias didáticas e, ao mesmo tempo, resolver problemas, que se colocam tanto a professores como a alunos. Por outro lado, nem sempre esses meios de comunicação estão facilmente acessíveis nas escolas. Certo é que a utilização de filmes na sala de aula deve satisfazer algumas condições, pelas quais se distinguem fortemente dos filmes educativos ou outros, nomeadamente: devem fornecer um

fragmento de realidade, por meio do qual os assuntos são abordados que se encaixam no currículo; a história deve ser representada de tal forma, que conduza os alunos a uma reflexão crítica dos eventos descritos. Se algum consenso for eventualmente alcançado, uma das conclusões é que, embora possa ter certos benefícios didáticos, seu uso educacional depende em última instância, do uso que se faz e qual o objetivo do filme que é suposto alcançar. Neste texto apresentar-se-á a utilização do filme na sala de aula, desde o processo de seleção, objetivos, fichas e guiões de exploração, aplicados numa turma de um curso profissional.

Título

DESIGNS EDUCACIONAIS NA WEB SOCIAL CENTRADOS NA EXPLORAÇÃO PEDAGÓGICA DE IMAGENS EM MOVIMENTO

Autoria

JOSÉ ANTÓNIO MARQUES MOREIRA

jmoreira@uab.pt

Departamento de Educação e Ensino a Distância, Universidade Aberta

Nota biográfica

Doutorado e Mestre em Ciências da Educação pela Universidade de Coimbra. Concluiu Programa de Pós-Doutoramento em Tecnologias Educacionais e da Comunicação também na Universidade de Coimbra. Possui Curso de Mestrado em Multimédia pela Universidade do Porto. Professor Auxiliar no Departamento de Educação e Ensino a Distância (DEED) da Universidade Aberta (UAb). Atualmente é Diretor da Delegação Regional do Porto da UAb e Investigador no Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS20) da Universidade de Coimbra e no Laboratório de Educação a Distância e eLearning (LE@D) da UAb. É Formador na área das Tecnologias Audiovisuais e tem organizado seminários e congressos na área da Educação e do Cinema.

Palavras-chave

Imagens em movimento, ambientes virtuais, web social, modelo pedagógico

Resumo

O fácil acesso à Web 2.0 rapidamente se disseminou junto das populações escolares originando uma tendência de apropriação apelidada de Pedagogia 2.0. As metodologias de ensino ao integrar a dimensão experiencial com multimédia acessível em equipamentos utilitários autorizam a migração desses recursos para contextos educativos e de educação formal. Contudo, os planos pedagógicos que organizam o acesso à informação e construção do conhecimento com apoio no software social, mais do que a adaptação a ambientes virtuais exigem uma reconfiguração para cenários de colaboração e condução criativa do processo, exigindo uma nova ecologia da aprendizagem. As possibilidades didáticas diversificam-se exponencialmente, surgindo estimulantes desafios para os sistemas educativos e para os seus profissionais. Perante esta realidade, os modelos de organização curricular não mais podem permanecer centrados na abordagem de conteúdos estáticos sob o controlo do professor. Mas o desenvolvimento de currículos inspirados na web social, com fácil acesso a documentos audiovisuais requer aos professores abertura e mestria na negociação do design educacional para que os conteúdos programáticos sejam apreendidos dinamicamente a partir de infinitas possibilidades de acesso. Assim, com o objetivo, de refletir, acerca destas questões, apresenta-se, neste texto, um modelo pedagógico virtual centrado na “desconstrução” de imagens em movimento e o seu impacto nas competências de aprendizagem em estudantes do Ensino Superior. Os resultados revelam que este modelo, cujo design se baseia nos princípios do socio-construtivismo, na aprendizagem colaborativa, na flexibilidade e interação, podem ter efeitos muito positivos nas competências de aprendizagem consideradas: Aprendizagem Ativa, Iniciativa e Autonomia na Aprendizagem.

Anfiteatro . 17h30 _Sessão 3

Mesa: Raquel Pacheco, Tatiane Chagas Lemos

Título

O QUE TEMOS APRENDIDO COM O CINEMA?

Autoria

ALICE FÁTIMA MARTINS

profalice2fm@gmail.com

Universidade Federal de Goiás

Nota biográfica

Doutora em Sociologia, Mestre em Educação, Licenciada em Artes Visuais. Professora na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás e no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual. Pesquisadora do CNPq. Autora dos livros “Saudades do Futuro: a ficção científica no cinema e o imaginário social sobre o devir”, e “Catadores de sucata da indústria cultural”.

Palavras-chave

Cinema, prática social, aprendizagem, linguagem, conhecimento

Resumo

Desde a sessão pública inaugural do cinema, na Paris do final do século XIX, até o início deste século XXI, quando se testemunha o aprofundamento do processo de globalização da economia e dos trânsitos da informação, o cinema ocupou, progressivamente, tanto as complexas estruturas da indústria do entretenimento, passando pelas searas do sistema da arte, penetrando os espaços da vida quotidiana coletiva ordinária. A partir desse manancial inesgotável na produção de múltiplas narrativas, os realizadores de filmes, em várias escalas, recontam histórias, tomando parte ativa na reconfiguração das visões do mundo contemporâneo. Neste trabalho, propõe-se discutir alguns pontos de uma certa pedagogia social exercida pela linguagem cinematográfica. Para tanto, pretende-se ultrapassar as recorrentes discussões a respeito das relações entre cinema e educação, que, em geral, privilegiam pensar o cinema como recurso pedagógico a ser adotado dentre as estratégias de ensino das matérias escolares. Nesse sentido, se reconhece, nas narrativas fílmicas, uma instância que atravessa a vida quotidiana, inclusive as escolas, indo, contudo, muito além delas. A pergunta orientadora das questões apontadas, portanto, é “o que temos aprendido com o cinema?” Para tanto, no ponto de partida, o cinema é pensado como prática social, em vista tanto daqueles que produzem filmes quanto dos que se apropriam de suas histórias. O desenvolvimento das reflexões propostas alimentam-se, sobretudo, de duas fontes: a) entrevistas com dois “fazedores” de cinema brasileiros, cujo trabalho resulta das relações entre a paixão por filmes, na condição de público, e a construção de aprendizagens fora de ambientes de formação escolar ou para o exercício da linguagem audiovisual; b) pesquisa bibliográfica, com base em autores que abordam o cinema do ponto de vista histórico, sociológico, cultural e da educação.

Título

O ATO CRIATIVO NA FORMAÇÃO DE JOVENS, NOTAS METODOLÓGICAS

Autoria

LUIZA PEREIRA MONTEIRO

luizaintelect@hotmail.com

Universidade Estadual de Goiás

Nota biográfica

Professora Pós – Doutora, pela Universidade do Minho (2016), Doutora pela Universidade de São Paulo (2008), Mestre pela Universidade Federal de Goiás (1995). Pesquisadora das temáticas: Família, Infância, educação e Cinema. Coordenadora de Área do PIBID/ MEC/CAPES/UEG. Professora de Fundamentos da Educação/Sociologia e História Social da Infância, da Universidade Estadual de Goiás.

Palavras-chave

Educação, Cinema, Ato Criativo, Formação de Jovens, Metodologia

Resumo

O resumo trata de alguns aspectos da pesquisa Cinema e Desenhos Formativos, realizada em Portugal e que tem como um dos seus vieses de investigação, a observação do processo produção de vídeos escolares realizados pela Ao Norte: Associação de Produção e Animação Audiovisual, no Curso Profissional Técnico de Audiovisual com turmas do 11º ano, da Escola Secundaria Santa Maria Maior, de Viana do Castelo. As pesquisas e experiências que tomam o cinema na escola como dispositivo de formação, apontam para a importância de se criar em sala de aula a “passagem ao ato” (Bergala, 2007), isto é, o usar o cinema como dispositivo pedagógico para além da perspectiva do visionamento e da pedagogização. Considerar que a produção do audiovisual na escola é uma perspectiva especialmente formativa, uma experiência que o aluno não poderá tê-la apenas pela análise fílmica ou estudos teóricos. Ela se constitui fazendo-se na prática, sendo vivida pelo cérebro e pelo corpo (Bergala, 2007). Este texto trata do processo de ensino e aprendizagem a partir do ato criativo de sete vídeos do tipo documentários sobre sete grupos musicais do gênero Hip Pop (Tuka, Onakep, Lente de Contacto, Aga2o, Fat-Cap, Espalha e Omega Krew), que vivem e atuam em Viana do Castelo e seu entorno, em Portugal. Para tal, há uma preparação densa - teórica, de orientação prática e técnica - para que os alunos possam ir a campo conhecer os seus personagens, identificar aquilo que há de mais sutil e que os definem enquanto essência e alma de grupo, para então fazer as entrevistas e imagens e, por fim os vídeos.

Título

"SÉRIE PROFESSOR ARTISTA" - UMA EXPERIÊNCIA EM ENSINO/APRENDIZAGEM EM ARTE

Autoria

EVANDRO JOSÉ LEMOS DA CUNHA

cunha@eba.ufmg.br

Universidade Federal de Minas Gerais

GERALDO FREIRE LOYOLA

geraldoloyola@gmail.com
Universidade Federal de Minas Gerais

Nota biográfica

Professor Dr. Evandro J. Lemos da Cunha, é professor associado IV da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Doutor em Cinema pela Universidade de São Paulo. Coordena atualmente o Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais da EBA/UFMG, vinculado ao CAED/UFMG- Centro de Apoio a Educação a Distância, onde também é Coordenador de Extensão em Ensino a Distância. É Coordenador Geral do Laboratório Innovatio.

Professor Dr. Geraldo Freire Loyola, é professor Adjunto na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Atua como Professor, Artista Plástico e Consultor Didático para o ensino/aprendizagem em Arte. É Diretor Geral da série Professor Artista.

Palavras-chave

Cinema, Arte, Educação, Ensino, Aprendizagem

Resumo

A série Professor Artista é um conjunto de filmes elaborados para o Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais (CEEAV), modalidade Ensino a Distância, que faz parte do Programa de Pós-Graduação da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Os filmes têm duração aproximada de 15 minutos e a produção da série conta com a parceria do Innovatio - Laboratório de Arte e Tecnologias para a Educação, também vinculado à Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. A série está em processo de produção e conta com dez filmes finalizados até o momento, que propõem reflexões sobre o ensino-aprendizagem em Arte a partir de pontos de vista de Professores de Arte que também são Artistas e que transitam entre os dois campos de atuação com o mesmo envolvimento e comprometimento artístico. Os filmes apresentam parte da produção de artistas que se destacam no contexto da arte contemporânea e mostra seus processos de criação e suas proposições e experiências no ensino-aprendizagem em Arte. A série apresenta diversas modalidades de expressões artísticas com as quais cada um deles trabalha e se envolve, como o desenho, a pintura, a escultura, a cerâmica, a fotografia, a gravura, as tecnologias contemporâneas, as intervenções urbanas, o teatro, dentre outras. Os filmes apresentam ideias, imagens e trabalhos desses profissionais, tanto nas suas poéticas de criação quanto nas ações de ensino. Com isso, objetiva aproximar os alunos do universo da produção artística contemporânea e de poéticas de criação, visando gerar possibilidades de entendimento de processos artísticos e de estímulo à própria criação. Outro objetivo da série é contribuir para professores de Arte de um modo geral, no sentido de ampliar as reflexões sobre o lugar dos materiais didáticos e ações pedagógicas no ensino-aprendizagem, vinculando pensamentos estéticos, artísticos e políticos a ações de experimentação, pesquisa e construção de conhecimento artístico.

Título

A PRODUÇÃO AUDIOVISUAL COMO EXPERIÊNCIA NA FORMAÇÃO DOCENTE

Autoria

TATIANE CHAGAS LEMOS

tattilemos@yahoo.com.br
Universidade Católica de Petrópolis

Nota biográfica

A autora é doutoranda em educação e professora substituta no Curso de Pedagogia da UERJ/FEBF, atuando também como Orientadora Educacional na prefeitura de Duque de Caxias.

Palavras-chave

Formação, Experiência, Narrativas de si, Audiovisuais, identidade, Docência

Resumo

Este artigo traz um recorte da pesquisa de doutorado que teve como locus de trabalho o Laboratório de recursos audiovisuais da FEBF-UERJ. O Laborav tem como proposta de trabalho, a produção de audiovisuais por graduandos das licenciaturas em Geografia, Matemática e do Curso de Pedagogia. Pretendemos neste artigo analisar como essa produção fílmica está influenciando a percepção desses futuros docentes sobre suas carreiras. Para tanto, utilizaremos como proposta metodológica a análise de conteúdo de algumas entrevistas realizadas durante a pesquisa, cujas respostas sinalizam a necessidade de se alinhar a formação docente às perspectivas da sociedade contemporânea. Sendo assim, com o intuito de pensar essa experiência a autora Marie-Christine Josso servirá de base teórica para entender como as narrativas de si constituem as identidades docentes desses alunos. Em consonância com esse referencial traremos também o conceito de experiência benjaminiano articulando à perspectiva dos novos lugares de mediação identificados por Martin-Barbeiro, que hoje encontram-se intrínsecos aos modos de ser da juventude. Entendemos que a produção de audiovisual na formação de professores proporciona novas situações de aprendizagem que podem possibilitar a mudança no modo como os indivíduos percebem as carreiras e a si próprios no contexto de trabalho.

Temática

Cinema, Arte, Ciência e Cultura

O cinema é, desde sua invenção, fruto de uma sociedade que ele reproduz e reinventa. Considerado espelho da sociedade, o cinema traça as evoluções e as revoluções de um mundo em mudança. Ele próprio sujeito e causa de múltiplas mudanças. Entre o real e o imaginário, o cinema convida o espectador a refletir sobre o mundo contemporâneo. Quer como produto comercial, filme científico ou como obra de arte os filmes são representações do mundo conseqüentes das tecnologias, dos modos de produção, dos costumes, das formas de governo, das censuras. Nesta temática pretende-se debater o cinema como arte, ciência, tecnologia, cultura mas também os contextos sociais, económicos e políticos em que a continuamente se reinventa. Sobretudo é, como afirma Edgar Morin, importante estudar homem à luz do cinema e necessário compreender que a relação entre real e imaginário no cinema constituem uma unidade complexa e complementar.

Sala 7 . 10h30 _ Sessão 1

Mesa: Maria do Céu Martins Monteiro Marques, Manuela Penafria

Título

NOVOS DESAFIOS DO CINEMA NA PRIMEIRA PESSOA

Autoria

JOSÉ DA SILVA RIBEIRO

Jsribeiro.49@gmail.com

Universidade Federal de Goiás, CEMRI – Universidade Aberta

Nota biográfica

Doutor em Antropologia pela Universidade Aberta de Portugal. Mestre em comunicação Educacional Multimédia. Cursos Superiores de Cinema pela Escola Superior artística do Porto e de Filosofia pela Universidade do Porto. Professor visitante da Universidade Federa de Goiás – Programas de pós-graduação em arte e cultura visual e em antropologia social. Coordena o grupo de investigação – Media e mediações culturais do CEMRI, Universidade Aberta, a Conferência Internacional de Cinema de Viana do Castelo e Curso de Verão conectado ao Festival de Cinema filmes do Homem. Áreas de pesquisa e ensino: antropologia, cinema, antropologia visual, antropologia digital, metodologias audiovisuais participativas, processo colaborativos na criação artística e na construção do conhecimento.

Palavras-chave

cinema na primeira, implicações estéticas, políticas, éticas e culturais, identidade, memória e território, taxonomias

Resumo

São muitas as questões que o cinema documental na primeira pessoa, documentário subjetivo ou autobiográfico tem levantado e vai longa o debate sobre esta problemática. Há, porém, um crescimento acelerado de filmes documentais na primeira pessoa e uma pesquisa recente bem fundamentada e análise destas produções. Tentaremos analisar algumas destas produções, da pesquisa e análise destas produções trazendo para debate: antecedentes da presença da primeira pessoa no cinema documental e sua expansão (explosão) a partir do início do século XXI; implicações estéticas, políticas, éticas e culturais; novos modelos de representação e a problematização de identidade, memória e território; taxonomias das estratégias de autorrepresentação e relação com o outro (de alteridade).

Título

INTERSECÇÕES ENTRE PINTURA, CINEMA E FOTOGRAFIA: REFERÊNCIAS PICTURAS HOPPERIÁNAS NAS IMAGENS CINEMATOGRAFICAS E FOTOGRAFICAS

Autoria

CARLOS ALBERTO DE MATOS TRINDADE

carlos.trindade@esap.pt

Escola Superior Artística do Porto

Notas biográficas

Licenciado em Artes Plásticas/Pintura pela FBAUP (1981). Doutoramento pela Universidade de Vigo (Departamento de Escultura, 2014) com a tese Arte e Memória. Desenvolvimentos e derivações sobre o conceito de memória e sua contribuição à prática artística. Foi bolseiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (2009-2012) e é membro do grupo de investigação MODO (Departamento de Escultura, Universidade de Vigo). Nas suas actividades profissionais interagiu com muitos colaboradores em co-autorias de trabalhos científicos: actualmente, é o IR do projecto ESAP/DAV- Pintura, Fotografia e Cinema: referências picturais nas imagens fotográficas e cinematográficas. Desde 1982 é professor na

ESAP (Escola Superior Artística do Porto), da qual foi um dos fundadores e onde tem exercido diversos cargos: no presente, é o director da Licenciatura em Artes Plásticas e Intermédia. Como artista plástico, começou a expor em 1978: realizou 5 exposições individuais e participou em mais de 150 colectivas, em Portugal e no estrangeiro; está representado em algumas colecções públicas e privadas. Entre 1976 e 1981 trabalhou em Cinema de Animação, incluindo dois filmes subsidiados pelo IPC, produzidos por Cinematógrafo-colectivo de intervenção, de que foi um dos fundadores.

Palavras-chave

Edward Hopper, arte proto-cinematográfica, citação, luz, cor, enquadramentos

Resumo

Provavelmente, nenhuma arte exerceu uma influência tão evidente nas outras como a Pintura: e, naturalmente, o cinema não lhe escapou. Nesta comunicação salientamos a presença que o pintor norte-americano Edward Hopper (1882, Nova Iorque – Nova Iorque, 1967) tem tido nas imagens cinematográficas, sendo decerto um dos artistas mais “apropriados” pelo cinema, a que não será alheia uma certa qualidade “proto-cinematográfica” de parte apreciável da sua produção pictórica, na relação com as imagens produzidas por alguns fotógrafos. Por sinal, ao contrário da maioria dos artistas modernistas, que não reconheceram as influências do cinema – e alguns reagiram mesmo com desagrado a tais comparações –, Hopper nunca escondeu quanto apreciava ver filmes e terá sido ele-próprio influenciado por essa experiência como espectador: aliás, encontramos nas suas pinturas alusões concretas à sétima arte. Embora fosse um pintor bastante conhecido, não exerceu uma influência significativa noutros artistas do seu tempo, o que veio a acontecer depois, mormente no cinema e na fotografia. No cinema, Hopper é uma referência incontornável para muitos directores de fotografia; além disso, as suas pinturas têm sido frequentemente citadas, mais ou menos explicitamente (de forma deliberada, ou inconsciente), em filmes de cineastas tão diferentes como Wim Wenders, Andrezej Wajda, Herbert Ross, Dario Argento, Wong Kar-Wai ou Alfred Hitchcock (sempre referido). Um caso extremo, na tradição dos chamados “quadros vivos”, é a longa-metragem Shirley: Visions of Reality (2013) do arquitecto, fotógrafo e cineasta austríaco Gustav Deutsch, que recria 13 pinturas de Hopper, depois de ter acontecido algo de semelhante na série de oito curtas-metragens intitulada Hopper Stories (comissionada pela Arte France, 2012), realizadas por igual número de cineastas europeus. Entretanto, durante os anos 80 Hopper tornou-se uma referência incontornável para alguns fotógrafos da corrente norte-americana conhecida como New Color, como William Eggleston ou Stephen Shore; ou outros, como Philip-Lorca di Corcia. E mais recentemente, na fotografia contemporânea, na obra de autores como Richard Tuschman, Christophe Clark & Virginie Pougnaud ou Gregory Crewdson, que utiliza meios e equipamentos quase comparáveis aos necessários para rodar um filme.

Título

PERSPECTIVAR A TEORIA DO CINEMA

Autoria

MANUELA PENAFRIA

manuela.penafria@gmail.com

Universidade da Beira Interior / Centro de Investigação Labcom

Nota biográfica

Professora nos cursos de 1º e 2º Ciclos em Cinema na UBI. Membro coordenador do Grupo de Trabalho da AIM-Associação dos Investigadores da Imagem em Movimento “Teoria dos cineastas”. Co-editora da revista DOC On-line (www.doc.ubi.pt)

Palavras-chave

Teoria do cinema, cineastas

Resumo

Será feita uma revisitação da evolução histórica da teoria do cinema fazendo realçar que os próprios cineastas contribuíram quer para a evolução que para a compreensão do cinema. Nesse sentido será apresentada e discutida a possibilidade de elaborar teoria do cinema a partir do pensamento dos cineastas.

Título

FRIDA KAHLO ALÉM DE FRIDA: REPRESENTAÇÃO FICCIONAL DA PERSONA

Autoria

CRISTINA SUSIGAN

csusigan@gmail.com

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Notas biográficas

Cristina Susigan, doutoranda em Educação, Arte e História da Cultura na UPM-Mackenzie/SP-Brasil, mestre em Estudos Americanos e especialista no estudo da figura da ekphrasis e relação entre literatura e cinema, pela Universidade Aberta de Portugal. Exerceu a docência no ensino superior no Instituto Politécnico do Porto, ESMAE, na área dos estudos visuais. Bolsista Capes, com pesquisa em apropriação nas artes. Interesse de pesquisa: relação inter-artes, história, teoria e crítica de arte. Participa dos Grupos de Pesquisa Mediação Cultural, na Universidade Presbiteriana Mackenzie, Grupo de Estudos de História

Palavras-chave

Frida Kahlo, Pintura, Cinema, Cultura, Persona

Resumo

A vida e obra de Magdalena Carmen Frida Kahlo y Calderon se misturam. Suas obras de alto teor autobiográfico deixam transparecer todo o seu sofrimento e angústias psicológicas. O filme "Frida Kahlo", de Julie Taymor, de 2002, faz um relato bastante fidedigno da sua vida, estabelecendo uma linha cronológica. No entanto, para além dos dados reais transpostos para o meio fílmico, o que deve ser ressaltado é a construção da narrativa tendo como fio condutor as obras da artista e os fatos marcantes de sua vida que serão os pontos de partida para a sua arte de estética surrealista. Todo um jogo de interpretação, rebeldia, autodestruição podem ser visualizados a partir da análise de suas obras. Sua conflituosa relação com o famoso muralista Diego Rivera, sua militância política – mascarada no filme, ela era uma comunista assumida e agitadora cultural -, e criar uma persona para sobreviver ser "Frida", são os pontos relevantes a serem estudados. Suas pinturas trazem influências do renascimento europeu. Além disso, podemos compartilhar de sua dor, que é muito forte. Frida possui até laços religiosos que a aproximam de seu país. Sua obra traz muitas semelhanças com a arte da Polônia e dos países bálticos, devido a uma influência comum do imaginário católico. Esta comunicação tem o intuito de através do filme ir mais além, buscar na sua narrativa um encontro com a personalidade conturbada e forte de uma mulher além do seu tempo, dar a conhecer a Frida atrás da persona construída, através do ficcional entrever o real; e através de suas obras expor suas fragilidades e revelar um momento cultural e político que também influenciaram a artista.

Título

REFLEXÕES SOBRE ORIENTAÇÕES DE PESQUISA ARTÍSTICA EM CINEMA E AUDIOVISUAL

Autoria

EDUARDO TULLIO BAGGIO

baggioeduardo@gmail.com

Universidade Estadual do Paraná

JUSLAINE ABREU NOGUEIRA

letrasjus@yahoo.com.br

Universidade Estadual do Paraná

Nota biográfica

Eduardo Tulio Baggio é docente no curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual do Paraná (Unespar). Graduado em Comunicação Social – Jornalismo (UFPR), especialista em Comunicação Audiovisual (PUC-PR), mestre em Comunicação e Linguagens (UTP) e doutor em Comunicação e Semiótica (PUC-SP). Líder do grupo de pesquisa Cinema: Criação e Reflexão (UNESPAR/CNPQ), membro coordenador do GT Teoria dos Cineastas da AIM e coordenador do ST Teoria dos Cineastas da SOCINE. Atua também como cineasta com ênfase em documentarismo.

Juslaine Abreu Nogueira é docente no curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual do Paraná (Unespar). Doutora em Educação (UFPR), mestre em Letras (UEM), especialista em Literatura e Ensino (Unioeste) e graduada em Letras (Unioeste). Suas atividades estão voltadas para a área dos Estudos do Discurso Cinematográfico e da Educação, perseguindo os seguintes temas: Cinema, Corpo e Produção de Subjetividades. Pesquisadora do grupo de pesquisa Cinema - criação e reflexão - Cineciare (Unespar/CNPQ) e do Laboratório de Investigação em Corpo, Gênero e Subjetividade na Educação - Labin (UFPR/CNPQ).

Palavras-chave

Pesquisa em artes, orientação de pesquisa, criação artística, cinema, audiovisual

Resumo

O objetivo da comunicação é relatar e discutir experiências docentes, bem como suas bases conceituais, em cadeiras de orientação de pesquisa em artes cinematográficas e audiovisuais. Partimos do trabalho desenvolvido por nós, os autores, em duas cadeiras de Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Cinema e Audiovisual da Unespar. O grande desafio nessas cadeiras é orientar trabalhos de investigações artísticas-científicas para que tenham desenvolvimento satisfatório enquanto pesquisa acadêmica ao mesmo tempo que não percam as premissas artísticas originais. Pesquisar academicamente na área de artes significa compreender princípios fundamentais desse tipo de investigação, mas significa também conquistar espaço em busca do reconhecimento por parte de áreas já estabelecidas há mais tempo e que, muitas vezes, não têm interesse em compreender as investigações que se fazem de maneiras diferentes, apesar de partirem dos mesmos princípios. Esses princípios são os que regem pesquisas em geral e são balizados, em maior ou menor grau, por: busca de conhecimento a partir de curiosidade e/ou problemática, eleição e aplicação de metodologia, sistematização de processos, verificação de hipóteses. Desta forma, as pesquisas em artes precisam demonstrar suas capacidades sem perder suas especificidades. "Isso significa participar no campo mais amplo da pesquisa, mas a partir de sua própria perspectiva, por um lado resistindo à competitividade econômica, enquanto, por outro lado, representando valor para o desenvolvimento da cultura

e da educação.” (COESSENS, 2014:2). Depois de apresentarmos as bases do que tomamos por pesquisa em artes, particularmente em cinema e audiovisual, pretendemos apresentar dois exemplos de investigações desenvolvidas por nossos alunos, oriundos de duas vertentes diferentes. A primeira é a que toma como objetos de investigação obras previamente constituídas para análises (filmes, movimentos cinematográficos, instalações audiovisuais etc.), como exemplo teremos o trabalho de conclusão de curso de Leandro Telles da Silva intitulado “Os Close ups de Sergio Leone no filme Era Uma Vez no Oeste”. A segunda vertente é a que toma como objetos de investigação os processos de criação artística de obras, neste caso o exemplo será o trabalho “S – uma análise do processo artístico”, de Karina Buzzi.

Título

REFERÊNCIAS ARTÍSTICAS NO CINEMA: CONTRIBUIÇÃO DOS DEPARTAMENTOS ARTÍSTICOS E DOS DIRECTORES DE FOTOGRAFIA.

Autoria

MARIA ELISA COELHO DE ALMEIDA TRINDADE

elisaalmeidatrindade@gmail.com

Escola Superior Artística do Porto

CARLOS ALBERTO DE MATOS TRINDADE

carlos.trindade@esap.pt

Escola Superior Artística do Porto

Nota biográfica

Elisa Almeida é doutoranda em Educação Artística pela FBAUP. Mestre em Desenho e Técnicas de Impressão pela FBAUP (2013), com a dissertação intitulada Desenho e Cinema. Licenciada em Educação Visual e Tecnológica pela Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto (2000). Membro da equipa do projecto ESAP/DAV- Pintura, Fotografia e Cinema: referências picturais nas imagens fotográficas e cinematográficas. Professora do Ensino Básico e Secundário de Educação Visual Tecnológica, Expressões Artísticas e Artes Visuais. Como artista plástica participou em várias exposições no país e no estrangeiro.

Carlos Trindade é licenciado em Artes Plásticas/Pintura pela FBAUP (1981). Doutoramento pela Universidade de Vigo (Departamento de Escultura, 2014) com a tese Arte e Memória. Desenvolvimentos e derivações sobre o conceito de memória e sua contribuição à prática artística. Foi bolseiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (2009-2012) e é membro do grupo de investigação MODO (Departamento de Escultura, Universidade de Vigo). Nas suas actividades profissionais interagiu com muitos colaboradores em co-autorias de trabalhos científicos: actualmente, é o IR do projecto ESAP/DAV- Pintura, Fotografia e Cinema: referências picturais nas imagens fotográficas e cinematográficas. Desde 1982 é professor na ESAP (Escola Superior Artística do Porto), da qual foi um dos fundadores e onde exerceu diversos cargos: no presente, é o Director da Licenciatura em Artes Plásticas e Intermédia. Como artista plástico, começou a expor em 1978: realizou 5 exposições individuais e participou em mais de 150 colectivas, em Portugal e no estrangeiro. Entre 1976 e 1981 trabalhou em Cinema de Animação, incluindo dois filmes subsidiados pelo IPC, produzidos por Cinematógrafo-colectivo de intervenção, de que foi um dos fundadores.

Palavras-chave

Departamento artístico, desenhador de produção, espaços cénicos, director de fotografia, luz

Resumo

Um filme nasce do trabalho colectivo de toda uma equipa de produção, sob a direcção do realizador, responsável em última instância pelo resultado final, e que tem normalmente como colaboradores mais próximos o director de fotografia e um desenhador de produção ou director artístico. Embora o papel desempenhado pelo director de fotografia seja mais “tangível”, na verdade aquele do desenhador de produção não é menos fundamental para que tudo resulte conforme pretendido. Na passagem da era do cinema mudo para o cinema sonoro o “sistema de estúdios” em Hollywood já estava em grande parte completamente estabelecido; tinham-se constituído Departamentos de arte dirigidos por um director artístico, a quem cabia a responsabilidade em larga medida pela mise-en-scène de todos os filmes aí produzidos. De facto, era da sua competência a criação de uma estética própria, que constituiria uma espécie de imagem-de-marca, pelo que no início do período sonoro já era possível distinguir estilos visuais diferenciados entre os maiores estúdios de Hollywood (majors). Pode-se afirmar, portanto, que a estética particular de cada um deles esteve sujeita aos gostos particulares do chefe de cada departamento de arte, que supervisionava a direcção artística de todos os filmes produzidos no estúdio a que pertencia. Com o advento do cinema a cores, e as novas possibilidades expressivas que originou, assistiu-se a um aumento progressivo da importância dos departamentos artísticos e dos directores de fotografia. No que respeita aos departamentos artísticos, o filme E tudo o vento levou (1939) produzido por David O. Selznick é considerado um marco, porque em reconhecimento da importância da contribuição artística de William Cameron Menzies surgiu pela primeira vez a designação de production designer, “inventada” por Selznick. Pouco a pouco, e sobretudo nas grandes produções, as funções do desenhador de produção e/ou director artístico alcançaram progressivamente um lugar de destaque na arte do cinema. Abordamos exemplos concretos de alguns desenhadores de produção mais relevantes, na etapa decisiva do processo de pré-produção dum filme, incluindo o contributo de outros colaboradores, assim como alguns directores de fotografia, cujo trabalho bem sucedido depende amiúde de uma boa colaboração com os departamentos artísticos.

Título

LOVING VINCENT

Autoria

MARIA AUXILIADORA DELGADO MACHADO

Dora.dm@gmail.com

Universidade Federal do estado do Rio de Janeiro

Nota biográfica

Possui graduação em Física pela UERJ, doutora em Astrofísica pelo Observatório Nacional/RJ, pós-doutorado em Ensino de Ciências pela UFF, professora de Física no Instituto de Biociências da UNIRIO e membro do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIRIO. Atualmente trabalha em pesquisa no campo da Educação em Ciências com formação de professores assunto sobre o qual possui artigos publicados no Brasil e exterior. Tem se dedicado com a pesquisa de estratégias pedagógicas da relação Ciências e Artes como mobilizadora da curiosidade epistemológica, na perspectiva freireana, tanto na formação de professores, como na educação básica.

Palavras-chave

Van Gogh, Bakhtin, interdiscursividade

Resumo

Este trabalho destaca a importância das cartas de Van Gogh para a realização do filme Loving Vincent, não somente por seu caráter descritivo e periódico, mas sobretudo, pelo fato de que as cartas de Van Gogh aos seus diferentes destinatários, traçam um cenário de seus dramas, angústias e esperanças interiores. Neste sentido fazemos uma análise de algumas dessas cartas a partir das categorias de Mikail Bakhtin, que desenvolve um pensamento fundamentado na natureza social da linguagem, considerando que em cada época e para cada grupo social, a comunicação irá refletir as condições específicas e as finalidades dos respectivos campos da sociedade. Nesse recorte utilizamos a categoria de interdiscursividade, que não é um termo propriamente bakhtiniano, pois surgiu da divulgação e da compreensão de sua obra, mas que se adequa aos nossos objetivos por se localizar no plano da relação entre gêneros de discurso. Dessa forma, sem a preocupação de encontrar outro(s) texto(s) específico(s) presente(s) no texto em análise, mas sim de identificar a incorporação de um ou mais gêneros discursivos em outro. Em nossa análise fazemos um recorte focalizado nas narrativas sobre a família Roulin, e comparamos nossa análise com as narrativas imagéticas do filme Loving Vincent.

Título

THE GRAND BUDAPEST HOTEL: MEMÓRIAS DE UM REFUGIADO NA EUROPA

Autoria

MARIA DO CÉU MARTINS MONTEIRO MARQUES

ceujan@gmail.com

Universidade Aberta - CEMRI

Nota biográfica

Licenciada em Filologia Germânica pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e doutorada em Filologia Inglesa pela Universidade de Salamanca, é Professora do Departamento de Humanidades da Universidade Aberta, e coordenadora do Mestrado em Estudos sobre a Europa (MESE). Tem participado em vários encontros e colóquios em Portugal e no estrangeiro. É autora de vários artigos nas áreas da literatura, cultura e cinema publicados em atas de congressos nacionais e internacionais e capítulos de livros. Investigadora do Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais (CEMRI), Media e Mediações Culturais, é colaboradora do Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa (CEAUL). É autora de vários artigos nas áreas da literatura, cultura e cinema publicados em atas de congressos nacionais e internacionais e capítulos de livros.

Palavras-chave

Europa, refugiado, século XX, identidade, Zero

Resumo

O objetivo deste trabalho é debater questões relacionadas com os problemas de identidade dos refugiados de guerra representadas em The Grand Budapest Hotel, apontado como o filme mais sombrio e trágico da carreira do cineasta americano Wesley Wales Anderson. Considerado como uma alegoria dos acontecimentos que tiveram lugar numa Europa marcada por profundas alterações a nível económico, social e político que ocorreram ao longo do século XX, esta produção cinematográfica aborda uma temática muito atual, a questão dos refugiados que buscam na Europa a liberdade e uma oportunidade de realização dos seus sonhos. A fuga à guerra nos seus países de origem tem levado, nas primeiras duas décadas do século XXI, milhares de pessoas a fugir e, a pagar muitas vezes com a própria vida, um preço demasiado elevado para quem almeja alcançar o paraíso e acaba, muitas vezes, por cair em armadilhas.

Título

A HORA DO URSO. O FOTOGRÁFICO E A IMAGEM MOVIMENTO NA OBRA: "SEBASTIÃO SALGADO - O SAL DA TERRA" DE WIM WENDERS

Autoria

ANGELA MARIA GONÇALVES CARDOSO

ceujan@gmail.com

Universidade de Trás os Montes e Alto Douro

ANTÓNIO COSTA VALENTE

avalente@ua.pt

Universidade de Aveiro

Nota biográfica

Angela Maria Gonçalves Cardoso. Docente Universitária, Artista Visual. Expõe pintura, desenho e vídeo-arte. Presente em coleções de arte internacionais. Investigadora do Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes – Universidade Católica. Investigadora cujo trabalho reflete a relação entre Arte e Ativismo e Arte e Tecnologia. Membro do Canadian Society for Italian Studies. Doutoramento – Universidade de Barcelona – Faculdade de Belas Artes, Universidade de Trás os Montes e Alto Douro. Mestrado – Universidade do Porto, Faculdade de Belas Artes. Pós Graduação-Universidade de Strathclyde, Narrativas Fílmicas. Autora de Programas sobre cinema experimental – RTP.

António Costa Valente, É Doutorado em Cinema, ensina na Universidade de Aveiro. Produziu e co-realizou a primeira longa-metragem do cinema de animação portuguesa - "Até ao Tecto do Mundo". É diretor do Festival de Cinema AVANCA desde 1997 e da conferência científica AVANCA|CINEMA desde 2010. Como realizador e produtor, foi distinguido com cerca de duas centenas de prémios em festivais nos cinco continentes. É dirigente da Academia Portuguesa de Cinema, coordenador nacional do INPUT-TV e co-editor do Internacional Journal of Cinema, entre outras organizações.

Palavras-chave

Imagem Movimento, Punctum, Documento Fotográfico

Resumo

Roland Barthes, no seu livro: "Câmara Clara", analisa dois elementos estruturais, enfáticos, na fotografia: Studium e Punctum. Refletiremos sobre estes conceitos numa análise cinematográfica de um excerto do filme "Sebastião Salgado - O SAL DA TERRA" de Wim Wenders. A HORA DO URSO, refere uma unidade, a do "corpo total", em que fotógrafo e a expectativa do fotografável se convertem numa antecâmara da imagem ou, a nosso ver, no documento privado do processo de criação enquanto manifestação do Punctum na obra de Sebastião Salgado. Esta "imobilidade viva: ligada a um pormenor (a um detonador), uma explosão que produz uma entrelinha na trama (...) "* também se manifesta na realização de Wim Wenders; Deste modo, a nossa proposta inicial sobre o plano da imagem, o fotográfico, contagia o plano da Imagem Movimento, em que a latência do Punctum emerge no plano temporal da imagem da obra de Sebastião Salgado. Desejamos pois que esta análise dual permita uma meta compreensão desta obra, em que o documento e o documentado, formam, a nível artístico, uma unidade! * Barthes, Roland – Câmara Clara, pp70, Hill & Wang, 1980.

Título

LA CONSTANTE DICOTÓMICA EN LA OBRA DE PEDRO ALMODÓVAR. DE LA LIBERACIÓN CÓMICA A LA CONTENCIÓN DRAMÁTICA A PROPOSITO DE LOS AMANTES PASAJEROS Y JULIETA

Autoria

ALMUDENA ÁLVAREZ ÁLVAREZ

almudena2alvarez@gmail.com

Universidade Fernando Pessoa

Nota biográfica

Almudena Álvarez Álvarez (Ourense, 1990), es Licenciada en Comunicación Audiovisual por la Universidad de Burgos, Doctora en Ciencias de la Información por la Universidad Fernando Pessoa (Oporto, Portugal) y codirectora en la asociación cultural SimpleMente para la promoción del arte y la escritura creativa. Profesionalmente, ha trabajado en la Compañía de Radio-Televisión de Galicia (CRTVG) y en la revista de arte contemporánea ARTECAPITAL.

Palavras-chave

Imagem Movimento, Punctum, Documento Fotográfico

Resumo

El propósito de la presente comunicación es el análisis de los últimos filmes del cineasta español Pedro Almodóvar con el objetivo de comprender el juego dicotómico liberación-contención que observamos, no sólo en estos filmes, sino a lo largo de su obra cinematográfica. De este modo, veremos el sentido en torno al cual hemos decidido orientar ambos elementos constitutivos de la dicotomía pues sí, con respecto a la liberación cómica, debemos señalar

el principio de mostración de la diferencia almodovariana en este sentido, determinado por una exaltación de la marginalidad así como de otras características, como la escatología, que nos remiten al grotesco carnavalesco de M. Bajtín; con respecto a la contención dramática, observamos un refinamiento formal y estético, no obstante quebrado, por una estética transgresoramente ochentera, por un maniqueísmo así como por otros detalles que no han pasado inadvertidos a pesar de la sutileza de los mismos. Este análisis se llevará a cabo con el objetivo de mostrar cómo las contenciones del cineasta están siempre teñidas por la reconocida transgresión que creemos constitutiva de su marca autoral.

Título

UMA LEITURA SOCIOLÓGICA DO FILME “VERTIGO” DE ALFRED HITCHCOCK

Autoria

RAFAEL GONÇALO PIMENTEL GOMES FILIPE

rfilipe@netcabo.pt

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Nota biográfica

Rafael Gomes Filipe nasceu nos Açores, em 1944, licenciou-se em Filosofia em 1977 na Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa e doutorou-se pela Universidade Nova de Lisboa, em 2003, com uma tese na área da Comunicação e da Cultura. É, presentemente, professor associado na ULHT (Lisboa). Tem numerosa obra publicada - livros, ensaios em obras colectivas, traduções e comunicações em colóquios e conferências nacionais e internacionais.

Palavras-chave

“desafiliação”, marginalidade, errância, desterritorialização, apresentação do eu

Resumo

Pretende-se realizar uma leitura original e predominantemente sociológica de “Vertigo” (em Portugal, “A Mulher que Viveu Duas Vezes”) de Alfred Hitchcock, com base numa grelha conceptual fornecida por alguns ensaios do sociólogo francês Robert Castel. Esta grelha irá permitir o estabelecimento de paralelos narrativos cogentes entre o filme e o Romance de Tristão e Isolda, na versão de Joseph Bédier. Outros sociólogos, como Erving Goffman e David Riesman, serão igualmente abordados, ao longo de uma investigação assente num processo de “close reading” de fotogramas, planos e sequências, que se quer rente à “superfície” do filme, para lhe surpreender aí níveis de sentido mais profundos. Pensamos que os resultados da investigação realizada confirmarão a validade da abordagem adoptada, permitindo trazer para a luz aspectos da complexa obra de Hitchcock até agora não abordados ou insuficientemente esclarecidos, no âmbito internacional dos estudos filmicos sobre a obra de Alfred Hitchcock.

Sala 7 . 17h30 _ Sessão 3

Mesa: José da Silva Ribeiro, Lisabete Coradini

Título

A EXPERIENCIA CINEMATOGRAFICA NOS QUILOMBOS DO MARANHÃO: O FAZER E O VER COMO VERBOS DE AÇÃO

Autoria

ANA STELA DE ALMEIDA CUNHA

anastelacunha@gmail.com

Universidade Federal do Maranhão / Universidade de Lisboa

Nota biográfica

Ana Stela Cunha e Pós-Doutorada em Antropologia pelo CRIA (U Nova de Lisboa) e ICS (Universidade de Lisboa), Doutora em Linguística Africana pela Universidade de São Paulo. Tendo vivido em Cuba durante três anos e estendido seu terreno de investigação (e de interesse) para o Congo (RDC) e Angola, observa as seculares relações entre os centros africanos, os portugueses e os brasileiros em distintos segmentos: desde a produção musical (especialmente de cunho religioso) quanto a língua e nas visualidades. Tem trabalhado cada vez mais com a Antropologia Visual, produzindo documentários alguns deles premiados pela UNESCO (João da Mata Falado, Boid e zabumba e a nossa tradição!) entre outros.

Palavras-chave

Cinema-ação, quilombos, produção local, identidade

Resumo

Com esta conferência pretendo refletir acerca da experiência “cinematográfica” que vem sendo desenvolvida há mais de 8 anos no quilombo de Damasio (Guimaraes, Maranhão, Brasil), zona rural de um Estado com um dos piores IDH do Brasil. Se inicialmente os filmes etnográficos eram de autoria dos “externos”, com o tempo não apenas as sessões de “cinema” tornaram-se frequentes na comunidade da zona rural como também as produções passaram a ter autorias

loais. Pensar sobre a agencialidade nestes contextos e as possibilidades de um cinema de autoria serao discussoes que pretendo trazer, discutindo entao identidades, espaço e novas tecnologias.

Título **REPERTÓRIOS IMAGINÁRIOS SOBRE GÊNERO E RAÇA NO CINEMA BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO**

Autoria

CONCEIÇÃO DE MARIA FERREIRA SILVA

ceicaferreira@gmail.com
Universidade Estadual de Goiás (UEG)

Nota biográfica

Doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília. Professora do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás. Desenvolve atividades de ensino e pesquisa nas áreas de comunicação e cultura, cinema, identidades raciais e de gênero.

Palavras-chave

Cinema brasileiro, Imaginário, Gênero e raça

Resumo

Este trabalho investiga os trânsitos e as inter-relações entre a cultura e o cinema brasileiros na construção e veiculação de imaginários sobre as identidades de gênero e raça. Para isso, ancorando-se nas contribuições dos estudos culturais, da crítica feminista, da teoria do cinema e do feminismo negro, analisa as formas de visibilidade e as relações de pertencimento e afeto nas quais as personagens femininas negras são representadas nos filmes Bendito fruto (Sérgio Goldenberg, 2004) e Besouro (João Daniel Tikhomiroff, 2009).

Título **O DOCUMENTÁRIO NO ESPAÇO-TEMPO DOS PERSONAGENS DO SAMBA EM NATAL/RN**

Autoria

LISABETE CORADINI

lisacoradini@gmail.com
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

MARIA ANGELA PAVAN

gelpavan@gmail.com
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Nota biográfica

Professoras e Pesquisadoras da UFRN (PPGEM/PPGAS) trabalham com audiovisual e metodologias e etnografias participativas, estudos da cultura e da mídia.

Palavras-chave

Narrativas e cultura, comunicação e produção de sentido, antropologia audiovisual

Resumo

A proposta da conferencia é refletir a experiência das pesquisadoras ao documentar e construir a história do samba no bairro das Rocas em Natal/RN/Brasil. Para este trabalho desenvolvemos um método que denominamos etnografia da duração no documentário. A pesquisa e projeto durou quatro anos corridos e resultou no documentário "As Mulheres das Rocas são as vozes do samba e foi finalizado em 2016. As mulheres das Rocas (bairro popular de Natal/RN) são as guardiãs das memórias do samba local. Além de detentoras da história, tem papel ativo desde o início na construção das escolas de samba na localidade. Para realizar o documentário nos envolvemos com os acontecimentos, festividades, cotidiano e lugares de memória. E desta forma construímos um arquivo de fatos e entrevistas para documentação da história do samba. Entre lembranças, fotos, imagens e músicas nos relacionamos no espaço-tempo de cada entrevistada e o audiovisual permitiu esta relação intensa, que possibilitou um conhecimento ativo na vida das mulheres do samba das Rocas em Natal/RN/Brasil. Nesta apresentação vamos mostrar o método utilizado, nossas pesquisas, leituras e reflexões, bem como as videografias que nos ajudaram a emoldurar o documentário. Para realizar esta empreitada buscamos a abordagem teórica sobre a etnografia da duração de Eckert (2014), e na perspectiva associado ao agrupamento social e cultural denominado por Appadurai (2004).

Título

O TEMPO DO ESPECTADOR: A FRUIÇÃO DA IMAGEM EM MOVIMENTO NO ESPAÇO DO MUSEU

Autoria

LORENA TRAVASSOS

lorenakrs@gmail.com

Universidade Nova de Lisboa

Nota biográfica

Lorena Travassos: Mestre em Comunicação (UFPB – Brasil), Doutoranda em Ciências da Comunicação na Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL), bolsista da CAPES - Brasil.

Palavras-chave

Cinema de exposição, práticas espetatoriais, imagem-tempo

Resumo

As práticas espetatoriais diferem-se em cada um dos espaços: No cinema, o tempo de exposição da obra é imposto ao espectador, seguindo um início e término de sessão. Ao sair antes do final da sessão, o espectador perde o sentido da obra, sua opção de sair da sala escura compromete sua fruição. No museu, não há tempo imposto, é o espectador quem administra seu tempo, ficando o quanto quiser diante de cada obra. Porém, nas obras que se configuram como uma hibridização entre criação para cinema e criação para o espaço expositivo como o museu, duas temporalidades distintas se unem e se colocam diante da disposição do espectador. Esta apresentação procura analisar a relação entre o tempo da obra e o tempo do espectador diante de filmes de longa temporalidade, como é o caso das instalações *The Clock* (2010) de Marclay e *Theresienstadt* (2007) de Blaufuks, a partir de conceitos como cinema expandido (Parente, 2006) e de espectador pensativo (Bellour, 1987). Ademais, tem-se em conta o aporte teórico que trata do cinema lento e da emancipação do espectador que apresenta-se como responsável por tornar a arte produtiva.

Título

O ARQUIVO AUDIOVISUAL NA ERA DIGITAL: UMA ANÁLISE SOBRE O SÍTIO DO BANCO DE CONTEÚDOS CULTURAIS

Autoria

THAIS VANESSA LARA

tha_vlara@hotmail.com

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Nota biográfica

...

Palavras-chave

Arquivos audiovisuais, arquivos na internet, Banco de Conteúdos Culturais, educação cinematográfica, patrimônio audiovisual brasileiro

Resumo

O acesso às obras audiovisuais digitalizadas torna-se cada vez mais facilitado pela internet, sítios de compartilhamento de vídeos tem grande número de visitas e fazem parte do “ver e compartilhar” áudios-visuais. Nesse sentido, arquivos públicos e privados se veem impulsionados a transformar suas formas de difundir seus acervos. Diante desse panorama, arquivos europeus e norte-americanos criaram sítios (americanarchive.org, beelden-voordetoekomst.nl, britishpathe.com, ina.fr, onf.ca) disponibilizando na internet obras de suas coleções com fins comerciais e educativos. Assim, por meio de ferramentas de busca, editoração, espaço de trabalho (workspaces) e perfis em redes sociais, os arquivos podem multiplicar o acesso às suas coleções e dar maior visibilidade aos seus acervos. No entanto, essas mudanças na acessibilidade impõem numerosas questões que atingem desde os desafios técnicos de preservação – rápida transformação das tecnologias – até os direitos autorais das obras. Sabemos que uma nova relação de “mediador” se estabelece entre o arquivo e o público, seu papel é permitir que os usuários possam ter acesso às obras e ao seu contexto artístico e histórico. Mas afinal, o que deve ser difundido? Para quem? Como? E qual o papel educativo? No Brasil foi lançado em 2008, pelo Ministério da Cultura e o Ministério da Ciência e Tecnologia o programa Banco de Conteúdos Culturais, um portal na web, que tem como objetivo permitir o acesso aos acervos audiovisuais do país. Realizado pela Cinemateca Brasileira em parceria com o Centro Técnico Audiovisual (CTAV), o programa disponibiliza filmes do Instituto Nacional de Cinema Educativo, das Companhias Cinematográficas Atlântida e Vera Cruz, os registros fílmicos do cinema silencioso brasileiro e as telenovelas e reportagens de telejornais diários da primeira emissora de televisão brasileira, a TV Tupi. Além disso, o sítio possui coleções digitalizadas de fotografias e cartazes de filmes brasileiros. Entretanto, não existe uma contextualização artística e histórica das obras. Desse modo, nos parece importante questionar quais as estratégias adotadas para o Banco de Conteúdos Culturais do ponto de vista editorial. Para o pesquisador Matteo Treleani (2014, p.19), difundir “os arquivos audiovisuais através dos dispositivos numéricos é uma

prática bastante delicada, que desencadeia às vezes problemas de confiabilidade histórica e de adaptação a um novo suporte de difusão”. Nesse sentido, esta comunicação se propõe a analisar o sítio do programa Banco de Conteúdos Culturais - www.bcc.org.br - observando dois pontos importantes: a valorização e a recontextualização das imagens.

05 de Maio

Escola Superior de Educação de Viana do Castelo

Mesa redonda . Cinema e Educação

Anfiteatro . 09h30

Moderação: ISA CATARINA MATEUS (*Professora e formadora na área do cinema e educação*) e JOSÉ RIBEIRO (*Universidade Federal de Goiás, CEMRI – Universidade Aberta*)

A mesa redonda Cinema e Educação pode ser abordada a partir de múltiplos pontos de vista, mas sobretudo a partir de múltiplas experiências. Não propomos uma tese que os participantes ilustram com as práticas desenvolvidas em seus percursos, mas os testemunhos e a reflexão crítica e criativa acerca dessas práticas.

Apontamos três linhas de orientação para o debate. Na primeira pretendemos juntar experiências e reflexão sobre como o cinema observou e expôs a escola os seus atores, os processos educativos, os conflitos, a ligação à sociedade.

Na segunda linha de reflexão propomos o debate em torno do cinema como produção cultural e artística, como outra forma de conhecimento, como outra forma de ver o mundo, como outro discurso. Como este entra na educação e nas práticas desenvolvidas na escola? Finalmente, com o acesso generalizado às tecnologias de registo de imagem e de som, aos softwares de edição e a consequente libertação de constrangimentos económicos e políticos, interrogamo-nos sobre o filme de pesquisa em educação, as produções realizadas pelos alunos, a partilha nas plataformas e nas redes sociais. Que práticas e que questões éticas e políticas são levantadas por estas produções?

A reflexão crítica e criativa acerca de Cinema e Educação não se limita à escola, nem a estados etários identificados com populações mais jovens (escola básica e secundária) mas extensível à universidade, à formação dos professores, aos pais e educadores.

Programa

1. Apresentação
 2. Abertura Mirian Nogueira Tavares
 3. Intervenção dos convidados
- Casos de estudo:
- Cinema nas escolas do Algarve (JCE)
 - Escolas em Grande Plano AO NORTE (O FILME DA MINHA VIDA / OS LUMIÈRE NA SALA DE AULA / OLHAR O REAL)
4. Reflexão crítica e criativa
 5. Partilha, debate e conclusões
 6. Encerramento
-

Temática

Cinema, Arte, Ciência e Cultura

Sala 7 . 14h00 _ Sessão 4

Mesa: Tiago Fernando Guimarães Dias dos Santos, Alexandra Lima Gonçalves Pinto

Título

IN/VISIBILIDADE DA EMIGRAÇÃO PORTUGUESA: O PAPEL DO CINEMA E DA FOTOGRAFIA

Autoria

ANDREIA ALVES DE OLIVEIRA

Alvesdeoliveira.andreia@gmail.com

Fotógrafa / Investigadora Independente

Nota biográfica

Fotógrafa e investigadora, residente em Londres. www.andreiaoliveira.net

Palavras-chave

Emigração; teorias da representação; humanismo; estereotipificação; regime estético da arte; Jacques Rancière

Resumo

Nesta comunicação proponho examinar representações da emigração portuguesa no cinema e na fotografia, em particular os filmes de José Vieira e o trabalho fotográfico de Gérard Bloncourt, Pedro Letria e o meu próprio, com vista a discutir de que forma interferem no que é visível e invisível, dizível e indizível, audível e inaudível em relação ao fenómeno, determinante, da emigração na sociedade portuguesa. Para isso, proponho analisar estas obras a partir das estratégias documentais que empregam, aplicando a teoria semiótica, teorias da representação nomeadamente o humanismo e a estereotipificação, para discutir o tipo de representações que produzem. Proponho ainda considerar a categorização tripartida proposta pelo filósofo Jacques Rancière sobre as relações entre imagens pertencentes ao “regime estético da arte” e imagens que não são arte: a imagem nua, a imagem ostensiva e a imagem metamórfica, discutindo de que forma o cinema e a fotografia podem, enquanto arte, potenciar outras formas de visibilidade da emigração.

EDITAIS PÚBLICOS PARA PRODUÇÃO CINEMATOGRÁFICA UMA SOLUÇÃO OU PROBLEMA?

Autoria

THUANNY VIEIRA SILVA

thucavieira@gmail.com

Universidade da Beira Interior

Nota biográfica

Thuanny Vieira é mestranda em Cinema pela Universidade da Beira Interior - Portugal. Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Tocantins - Brasil.

Palavras-chave

Editais públicos, Produção Cinematográfica, Realização

Resumo

Os editais públicos de apoio à produção cinematográfica têm sido uma alternativa universal àqueles que estão à margem da indústria cinematográfica no Brasil, ou, ainda não possui um sistema de retroalimentação que permita uma independência na produção de filmes. Fundamentado nos estudos de Marcelo Ikeda, tendo como ponto de partida as leis de incentivo à produção audiovisual brasileira e as ações de fomento da Agência Nacional de Cinema – Ancine, e como estudo de caso o estado do Tocantins que possui grande parte da sua produção cinematográfica realizada via editais públicos, este trabalho propõe questionamentos acerca dos projetos que são financiados por meio de editais de público. De que forma os editais condicionam o trabalho do realizador? Para ilustrar essa questão, o presente trabalho analisará os filmes Raimunda - a quebradeira de Marcelo Silva e Palmas, eu gosto de tu, realizado por um coletivo de seis diretores do estado do Tocantins, ambos patrocinados por meio de editais. Como parte da metodologia deste trabalho, também serão utilizadas entrevistas com os realizadores e proponentes dos projetos dos filmes citados.

Título

RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS: O ESTUDO DE CASO DA BINAURAL/NODAR

Autoria

TIAGO FERNANDO GUIMARÃES DIAS DOS SANTOS

tiago.dias.santos@gmail.com

Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto

Nota biográfica

Porto, 1984. Licenciado em Tecnologias da Comunicação Audiovisual, com especialização em Fotografia, pelo Politécnico do Porto e Mestre em Multimédia, no ramo Cultura e Artes, pela Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto. Colaborou em vários projetos audiovisuais, culturais e artísticos em Antuérpia, Berlim e Londres, estando agora no Porto como Produtor Audiovisual, coordenador do Projeto Educativo e Programador Associado do Porto/Post/Doc Film. Porto, 1984. Licenciado em Tecnologias da Comunicação Audiovisual, com especialização em Fotografia, pelo Politécnico do Porto e Mestre em Multimédia, no ramo Cultura e Artes, pela Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto. Colaborou em vários projetos audiovisuais, culturais e artísticos em Antuérpia, Berlim e Londres, estando agora no Porto como Produtor Audiovisual, coordenador do Projeto Educativo e Programador Associado do Porto/Post/Doc Film.

Palavras-chave

Residência Artística, Arte, Comunidade, Site Specific, Documentário

Resumo

Esta dissertação estuda o impacto das Residências Artísticas nas comunidades em que são desenvolvidas. É analisado em termos gerais o surgimento do fenómeno de Residência Artística e o lugar que este ocupa a nível nacional através do estudo da actividade de diferentes associações, em particular o caso de estudo da associação Binaural/Nodar, o principal foco desta dissertação. A Residência Artística, apesar de ser um conceito em crescimento e expansão dentro do panorama artístico português, é ainda bastante desconhecido e subvalorizado fora de círculos específicos. Não existe uma cooperação entre as diferentes associações e organizações que desenvolvem trabalho nesta área, nem uma análise eficaz sobre os resultados obtidos num panorama geral de actividade. A componente prática desta dissertação, um documentário sobre a associação Binaural/Nodar e o seu projecto de residência em Abril de 2013, Divina Sonus Ruris, pretende contribuir para responder a esta questão: de que forma esta abordagem artística é válida e pertinente, especificamente na forma como afecta a comunidade em que se localiza. O propósito, além da análise, é criar um objecto de estudo que sirva como base de investigação complementar.

Título A VERDADE DA MENTIRA

Autoria

VITOR MANUEL TORRES RIBEIRO

edmond01@sapo.pt

Casa das Artes de Famalicão

Nota biográfica

Vitor Ribeiro, 43 anos; Programação de Cinema na Casa das Artes de Famalicão, com destaque para o Close-up – Observatório de Cinema (mais em www.closeup.pt); Mestrado em Literatura e Cinema (Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho, 2013) com uma tese sob a forma de Guião Cinematográfico, "Em Teu Ventre", que cruza ao sabor do tempo duas obras de Goethe, "As Afinidades Electivas" e "Werther"; Trabalho mais relevante na área da programação cinematográfica, com destaque para o projecto Cineclube de Joane (www.cineclubejoane.org), entidade financiada ininterruptamente pelo Ministério da Cultura desde 2002, do qual é director e programador desde 1998. Realizou formação em várias áreas de criação cinematográfica, com destaque para o guionismo (por exemplo, formação de 35 horas com Paulo Filipe Monteiro em 2006), tendo concretizado a escrita de um argumento de Longa-Metragem, "Humberto", a concurso no Instituto do Cinema e Audiovisual em 2007; Licenciado em engenharia civil, funcionário público.

Palavras-chave

Close-up, Kiarostami, Documentário, Ficção

Resumo

Em fase de pré-produção de Dinheiro no Bolso, mais um filme em volta do universo infantil, Kiarostami leu um artigo numa revista sobre um homem, Sabzian, que estava preso por fraude, acusado de se ter feito passar pelo realizador Makhmalbaf junto de uma família. Kiarostami ficou especialmente impressionado por uma frase que o homem proferira numa entrevista: "Doravante sou um pedaço de carne de um animal que não tem cabeça e podem fazer de mim o que quiserem." Nos dias seguintes, Kiarostami foi sendo perturbado por aquela frase, que não lhe largava o pensamento. Kiarostami abordou o produtor Ali Reza Zarrin no sentido de alterar o filme sobre o qual incidiria o financiamento, ao que o produtor terá acedido, seduzido pelos argumentos do cineasta. Foi, então, deste episódio que brotou Close-up (1990), um dos objectos mais singulares e desconcertantes do cinema contemporâneo, um filme que questiona um conjunto de enunciados relacionados com a distinção entre verdade e encenação, ao colocar os intervenientes da fraude a interpretarem-se a si próprios, usando ambiguamente as linguagens do documentário e da ficção, e que permitiu a Kiarostami dialogar com o real, e no limite, promover-lhe alterações, reconfigurando a realidade e a verdade. Recorrendo a uma entrevista do realizador iraniano e percorrendo cena a cena a obra, abordaremos várias questões levantadas pelo filme, analisando também Close-up, na perspectiva do estatuto do documentário, nomeadamente através dos princípios ditados por Gregory Currie.

Título CINEMA AMADOR E CINEFILIA: O CASO SÉRGIO GUERRA

Autoria

PAULO CUNHA

paulomfcunha@gmail.com

Universidade da Beira Interior

Nota biográfica

Doutor em Estudos Contemporâneos pela Universidade de Coimbra. Professor Auxiliar Convidado na Universidade da Beira Interior e na Escola Superior de Tecnologia de Abrantes. Investigador

Palavras-chave

Cinema Amador, Cinefilia, Cultura Cinematográfica, Moçambique

Resumo

Entre 1955 e 1968, Sérgio Guerra, natural e residente da cidade da Beira (Moçambique), produziu e realizou cerca de 30 filmes amadores que percorreram dezenas de festivais e concursos de cinema de amadores em Moçambique, Portugal e vários países estrangeiros (África do Sul, Alemanha, Angola, Argentina, Bélgica, Escócia, Espanha, França, Japão e Rodésia/Zimbabué). Mais do que os habituais documentários e filmes de “enredo”, Sérgio Guerra experimentou vários géneros cinematográficos, desde o filme de aventuras, o western, a ficção científica ou o policial. Com uma obra diversificada e muito heterogénea, este cineasta amador é um bom exemplo da cultura cinematográfica de matriz popular pouco comum à comunidade cinéfila que então produzia filmes para um circuito específico de circulação. Os filmes deste amador são exemplos de uma produção que não se enquadrava no contexto dos filmes turísticos promovidos pelas autoridades coloniais. O propósito desta comunicação é, a partir estudo da filmografia de Sérgio Guerra, mapear e reflectir sobre o circuito de cinema de amadores como projecto de produção fílmica e de cultura visual e cinematográfica que se constituiu paralelamente ao circuito comercial convencional que se constituiu em Portugal na segunda metade do séc. XX.

Título

SOLO SAGRADO: A OBRA DE GODFREY REGGIO E O PAPEL DO CINEMA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Autoria

ALEXANDRA LIMA GONÇALVES PINTO

alexandralimagpinto@gmail.com

Universidade Nova de Lisboa

Nota biográfica

Alexandra Lima Gonçalves Pinto é professora efetiva do Departamento de Artes e Comunicação da UFSCar – Universidade Federal de São Carlos, no Brasil - e doutoranda em Ciências da Comunicação (Cinema e Televisão) na Universidade Nova de Lisboa. Na UFSCar, foi coordenadora do CineUFSCar e da Revista Universitária do Audiovisual (RUA), além de ter criado e coordenar o LIRIS - Laboratório de Investigação e Realização em Imagem e Som, desde 2011. Fez sua licenciatura em Ciências Sociais/Antropologia na UNICAMP e seu mestrado em Multimeios e Artes, também na UNICAMP. Escritora e realizadora audiovisual, tem entre seus principais trabalhos PASSANTE (1994), AIDS PRA QUÊ? (1995), MUNDANÇA (1998) e VEGANA (2011).

Palavras-chave

Cinema, documentário, tecnologia, ecologia, espiritualidade

Resumo

O realizador Godfrey Reggio afirma que a Tecnologia é o tema principal dos seus filmes – desde o primeiro deles, “Koyaanisqatsi” (1982) até o mais recente, “Visitors” (2013) – mas há outros dois importantes temas subjacentes: a Ecologia e a Espiritualidade. Os filmes de Reggio mostram a destruição da natureza, ou melhor, de uma “natureza sagrada”, como ela é vista por muitas culturas antigas. Através de sua obra, é possível pensar sobre a interação entre a Tecnologia, a Ecologia e a Espiritualidade de uma perspectiva intercultural, que une a visão profética da cultura indígena Hopi com as ideias do sociólogo francês Jacques Ellul, entre outros autores que influenciaram esse realizador independente norte americano. Seus filmes, com seu olhar poético e inovador e sua crítica profunda do mundo atual, oferecem uma confluência de tópicos que representam algumas das maiores preocupações contemporâneas. Esses “documentários de vanguarda” - ou “cine-mônadas”, como Reggio prefere chamá-los - deflagram a necessidade urgente de uma reflexão sobre o mundo em que vivemos e sobre o papel do cinema em nossa sociedade.

Painel Temático

O documentário como construção mnésica

Anfiteatro . 14h00 _ Sessão 4

Moderação: PATRÍCIA NOGUEIRA, UT Austin Portugal international program / ESMAD – Escola Superior de Media Artes e Design

O painel apresenta uma diversidade de perspetivas que refletem acerca da relação intrínseca entre documentário e memória. O elemento documental é pensado a partir da sua íntima ontologia criadora, presente na individualidade do autor, que ascende e vive num espaço social, perante os diferentes olhares dos espectadores. O documentário é assim en-

tendido como uma potencialidade criativa das tensões entre indivíduo e sociedade; tempo e espaço; memória e esquecimento.

Ana Almeida explora a prática found footage e o seu inerente processo de apropriação, refletindo sobre as transformações da textualidade audiovisual. A autora fala-nos das deslocamentos de intimidade, com naturais implicações mnésicas, da utilização de material audiovisual íntimo e familiar na construção de um documentário autobiográfico.

Por sua vez, Bianca Martins reflete sobre a dimensão identitária do espaço, atribuída pela construção mnésica do mesmo, e explorando uma definição material e simbólica de um lugar afetivo e de construção identitária.

Já Ricardo Couto debruça-se sobre a não vivência e a possibilidade afetiva da relação com o Tempo. O autor explora a possibilidade de o cinema, através da sua materialização, assumir-se como resposta ao ímpeto da ausência sentida.

Além disso, Sara Marques, olhando também para a dimensão material do objeto fílmico, reflete sobre a possibilidade deste se assumir como um construtor mnésico capaz de combater o esquecimento e efetuar um controlo das lembranças.

Título

DESLOCAÇÕES DE INTIMIDADE NA CONSTRUÇÃO DE FILMES DOCUMENTÁRIO

Autoria

ANA SOFIA FERNANDES DE ALMEIDA

annasofia.almeida@gmail.com
ESMAE

Nota biográfica

Anna Almeida, nasceu em 1989, em Castelo Branco. O fascínio pela imagem começa pela fotografia, que se desenvolve para o cinema, em particular pelo cinema documental. Partindo da licenciatura em Ciências da Comunicação (UBI, Covilhã), segue o curso técnico em Realização em Cinema e Televisão (ETIC, Lisboa), do qual surgem ramificações práticas de natureza documental e experimental: Ruas Paralelas (2012) - (Prémio Sophia Estudante - 1º Lugar na categoria de Documentário) e Kalopsia (2013-2014) - (Instalação vídeo e som na Plataforma Revólver, Lisboa). Recentemente o filme Transeunte (2015) resultante da residência artística integrada no Mestrado em Comunicação Audiovisual, esteve em exibição na Seleção Ensaios do festival Caminhos do Cinema Português, edição 2016. A investigação faz também parte do seu percurso sendo que recentemente integrou um painel de discussão no Alternative Film/video Festival, que se realizou em Belgrado (2016), em que apresentou parte da sua dissertação sobre Found Footage e o Documentário e filme Tanto Chão (2016) componentes teórica e prática de conclusão de Mestrado.

Palavras-chave

Filmes de família, documentário, apropriação, memória

Resumo

Os filmes de família são um peculiar elemento audiovisual que tem sido recontextualizado e, desta feita, vindo a contribuir para a criação de uma linguagem cinematográfica, dentro do género documental, que se afasta de um olhar meramente voyeurístico e superficial. Interrogamo-nos acerca das formas de apropriação de filmes de família, quanto sobre a sua manipulação e recontextualização na realização de narrativas documentais, e, ao refletirmos, também, sobre a dimensão plural e significativa que podem adquirir estes íntimos fragmentos audiovisuais. A premissa de investigação surge não só através de uma prática artística realizada a partir de imagens familiares, que culmina num filme de apropriação autobiográfico, como as proeminentes indagações de Patricia Zimmerman (1995) e Jaimie Baron (2014) nos conduzem na reflexão acerca das interferências audiovisuais de filmes de família na elaboração de documentários. A apropriação deste material audiovisual quanto a intenção sobre os quais são articulados estes conteúdos de índole privada, na criação de um novo objeto fílmico, transformam a noção que percebemos acerca da narrativa documental composta por registos do quotidiano. Consideramos que estes filmes documental denotam não só uma forte evidência estética e polissémica, quanto deslocam memórias privadas para um lugar coletivo, e a partir dessa memória coletiva regressar novamente a uma atmosfera privada e intimista.

Título

O ESPAÇO COMO A PERMANÊNCIA FÍSICA DA REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA

Autoria

BIANCA GISELLE PEPE MARTINS

bigiselle@hotmail.com
ESMAE

Nota biográfica

Bianca Martins nasceu em Joanesburgo, na África do Sul, em 1992. Atualmente vive no Porto. Concluiu, em 2016, o Mestrado em Comunicação Audiovisual com especialização em Fotografia e

Cinema Documental, pela Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo (ESMAE), pertencente ao Instituto Politécnico do Porto. Realizou os filmes Transeunte (2015) e Permanência (2016), tendo sido a curta Permanência selecionada este ano, para a categoria de Melhor Documentário no festival Mostrarte.

Palavras-chave

Memória, espaço, identidade, nostalgia, documentário

Resumo

O léxico da memória é um sistema complexo, cuja forma em constante mutação depende de uma influência bastante significativa no indivíduo ou comunidade que a alberga. A definição do espaço como elemento que molda a formação identitária, ocorre principalmente pela via da construção mnésica que sobre ele é atribuída, operando este como lugar de memória, ou seja, é possível compreender as várias dimensões do espaço como conceito, ao serem atribuídas a este uma definição tanto material como simbólica. A análise destes conceitos deve ser enquadrada a partir da sua representação fílmica, sendo a figuração da memória e do espaço em cinema, temas vastamente explorados a partir de um prisma que muitas vezes os relaciona. Desta forma, é necessário o entendimento de como o espaço pode servir como meio de expansão da mensagem do filme e apoio à representação de uma dimensão emocional.

Título

A NÃO VIVÊNCIA COMO ELEMENTO CONSTITUINTE DA MEMÓRIA

Autoria

RICARDO FERNANDO TEIXEIRA COUTO

ricardoftcouth@gmail.com

ESMAE

Nota biográfica

Ricardo Couto nasceu em Valbom, Gondomar, em 1993. Concluiu, em 2016, o mestrado em Comunicação Audiovisual, especialização em Cinema Documental, pela Escola Superior de Música, Artes e Espectáculo do Instituto Politécnico do Porto. Concluiu a licenciatura em Ciências da Comunicação na Faculdade de Letras da Universidade do Porto em junho de 2014. Foi jornalista estagiário no diário Público, em 2014. Realizou o filme "terra mãe", vencedor do prémio Sophia Estudante, atribuído pela Academia Portuguesa de Cinema, em 2016. Foi, ainda, autor do documentário "Ali, onde não sou".

Palavras-chave

Memória, documentário, tempo, identidade, found footage

Resumo

O cinema, ao cifrar-se no plano das ideias, permite uma materialização capaz de responder às ânsias emocionais espoletadas pela relação entre ser humano e Tempo. As imagens são a visível porta para uma dimensão capaz de transcender a tangibilidade. Através do cinema, o autor pode interpelar um tempo que não viveu. A não vivência, condição de ausência existencial de um determinado tempo, pode ser endereçada pelo autor. Estabelece-se, por isso, uma dialética temporal que obriga, desde logo, a uma intensa relação entre as dimensões da memória (individual e coletiva) assim como de todos os seus constituintes (lugar, eventos ou pessoas). Pode, então, o documentário assumir-se como um construtor mnésico capaz de responder aos anseios da não vivência? E de que forma a vida do objeto fílmico é capaz de satisfazer o ímpeto de supressão da ausência percebida? A interpelação do tempo não vivido, iniciada no íntimo do autor, e a ascensão da intimidade ao espaço público, causada pela materialização do objeto fílmico, são elementos fundamentais num estudo ontológico sobre a possibilidade de construção mnésica a partir do documentário.

Título

A MORTE E O DOCUMENTÁRIO COMO "LUGAR DE MEMÓRIA" - A MEMÓRIA NA CONSTRUÇÃO DO LUTO E NA CONSTRUÇÃO DO REAL

Autoria

SARA MARQUES MOREIRA

mmarques.sara@hotmail.com

ESMAE

Nota biográfica

Sara Marques é licenciada em Ciências da Comunicação pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Recentemente, terminou o Mestrado em Comunicação Audiovisual – Especialização em Fotografia e Cinema Documental na Escola Superior de Música, Artes e Espectáculo do Instituto Politécnico do Porto (ESMAE). No seu percurso profissional, já exerceu a profissão de jornalista e já participou na produção de algumas curtas-metragens.

Palavras-chave

Memória, documentário, tempo, identidade, found footage

Resumo

Este ensaio explora a relação do cinema com a memória e o esquecimento, considerando que o documentário pode funcionar como um “lugar de memória”, conceito de Pierre Nora, e ter a capacidade de construir memórias e controlar as lembranças, através do registo fílmico de uma morte anunciada. O desenvolvimento teórico aprofunda as vertentes cognitiva e social da memória para as relacionar depois com o cinema documental, a partir da análise de filmes como *Lightning Over Water* (1980), de Nicholas Ray e Wim Wenders, e *No Home Movie* (2015), de Chantal Akerman.

XVII ENCONTROS DE CINEMA VIANA 02 A 07 MAIO 2017

6.ª CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE CINEMA DE VIANA

<http://ao-norte.com>



AO NORTE



FICA NO CORAÇÃO

